

OMS de olho na China

» ISABELLA ALMEIDA

Organização cobra informações sobre o aumento de casos de doenças respiratórias no país inclusive entre crianças. A onda surge quatro anos depois da pandemia de covid-19

A Organização Mundial da Saúde (OMS) está monitorando a China por causa do aumento expressivo de casos de doenças respiratórias, sobretudo entre crianças. Só no norte, em outubro, ocorreram numerosos registros de “doenças semelhantes à gripe”, com aumento expressivo em relação aos três anos anteriores. Porém, as autoridades chinesas rebatem que não há sobrecarga no sistema de saúde, assim como a existência de risco iminente de epidemia, pois não circulam patógenos incomuns ou desconhecidos.

Há dois dias, a OMS identificou relatos da mídia e do sistema público de vigilância de doenças ProMED sobre os surtos de pneumonia não diagnosticada em hospitais infantis. Após essa revelação, houve um pedido oficial à China para fornecer informações epidemiológicas e clínicas adicionais, assim como resultados laboratoriais dos casos e dados sobre tendências recentes de patógenos respiratórios circulantes.

Ontem, a organização fez uma teleconferência com autoridades de saúde chinesas do Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças e do Hospital Infantil de Pequim, na qual os dados foram apresentados. Em resposta à OMS, o governo da China confirmou o aumento no número de consultas ambulatoriais e nas internações hospitalares de crianças devido à pneumonia por *Mycoplasma pneumoniae* desde maio e por VSR, adenovírus e vírus da influenza desde outubro.

Werciley Vieira Júnior, infectologista do Hospital Santa Lúcia, em Brasília, diz que as doenças monitoradas são transmitidas da mesma forma que outras patologias respiratórias. O especialista ressalta que a transmissão pode ocorrer por gotículas, gotas de saliva ou de secreções, quando a pessoa tosse ou faz algum procedimento que afete as vias respiratórias, que elimina microgotas que têm uma capacidade de ficar mais tempo no ar. “Uma microgota pode ficar até duas três horas no ambiente, suspensa”, reitera.

AFP



Crianças e adultos esperam em uma área de atendimento ambulatorial num hospital de Pequim por causa de problemas nas vias aéreas

A onda surge cerca de quatro anos depois dos primeiros casos de covid. A OMS sugeriu que a população adote medidas para reduzir o risco de doenças respiratórias. Reiterou as recomendações da pandemia: vacinação, manter distância das pessoas doentes, ficar em casa se tiver sintomas, fazer testes e usar máscara se necessário, além de manter os locais bem ventilados e lavar as mãos.

Influências externas

O vice-diretor e epidemiologista do Centro de Prevenção de Doenças de Pequim, Wang Quanyi, disse à imprensa estatal que as doenças respiratórias têm relação direta com as mudanças do clima e as oscilações de temperatura no país. “[As temperaturas caíram quando Pequim] entrou na temporada de alta incidência de doenças

respiratórias infecciosas”.

Segundo o epidemiologista, em Pequim se “mostra atualmente uma tendência de coexistência de múltiplos patógenos”. No Hospital do Instituto de Pediatria de Pequim, correspondentes da AFP observaram uma grande quantidade de crianças. Li Meiling, 42 anos, disse que a filha, de 8 anos, tem pneumonia por micoplasma, um patógeno que causa dor de garganta, fadiga e

febre. A mãe, no entanto, disse que não está muito preocupada com o alerta da OMS. “É inverno. É normal que aconteçam mais casos de doenças respiratórias”.

Gilda Elizabeth, pneumologista do Hospital Brasília Unidade em Águas Claras, da Rede Dasa, destaca que não se deve deixar de lado as medidas de proteção. “Temos no Brasil vacinas contra doenças pneumocócicas, e doenças virais como

Palavra de especialista

Renato Filho



Monitorar é vital

“A OMS mantém vigilância constante nos focos de doenças infecciosas que surgem pelo mundo. É muito importante para alertar as autoridades sanitárias dessas regiões quanto às medidas necessárias para conter a disseminação. Essa ação foi muito clara durante a pandemia, quando os alertas foram emitidos, e medidas tomadas. Quando é detectado um foco de doenças infecciosas ou infecções respiratórias não significa necessariamente que vai ocorrer uma disseminação mundial ou que há um risco grande de epidemia ou de pandemia, isso depende da interação do microorganismo com a sociedade local, qual o estado de imunidade e quais as condições sanitárias que as pessoas vivem.”

Hemerson Luz, chefe da Clínica de Infectologia do Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio de Janeiro

H1N1. É importante a gente ter o calendário vacinal em dia para não ocorrer um surto dessas doenças. Não é porque nós não temos surtos de patologias respiratórias, agora, aqui no Brasil que devemos relaxar com a prevenção, ela é exatamente para não vivermos pandemias, como a que já passamos e tivemos tantas mortes.”

Excesso de antibióticos pode matar

Pelo menos 10 milhões de mortes no mundo podem ocorrer até 2050 em decorrência do consumo excessivo de antibióticos, que reduz a eficácia dos remédios e aumenta a resistência bacteriana. O alerta é da Organização Mundial de Saúde (OMS): “Embora a

resistência aos antimicrobianos seja um fenômeno natural, o desenvolvimento e a propagação das superbactérias são acelerados pelo uso abusivo de antimicrobianos, o que complica o tratamento eficaz das infecções.”

A análise da OMS Europa

engloba 53 países e se estende até a Ásia Central. Um estudo realizado em 14 nações revelou que as razões para o uso desses remédios estão relacionadas 24% a casos de resfriado, seguidos de sintomas gripais (16%), dor de garganta (21%) e tosse (18%). Um terço dos

8.200 entrevistados disse ter usado antibióticos sem receita, de acordo com outro ensaio.

O alerta da organização foi publicado no mesmo dia que cientistas do Instituto Santa Fé, nos Estados Unidos, detalharam, na revista *Science*, uma pesquisa

que fornece novos insights sobre resistência a antibióticos da bactéria *E. coli*, grande causadora de infecções do trato urinário.

Após milhares de simulações digitais altamente realistas, os pesquisadores descobriram que 75% de todos os caminhos

evolutivos possíveis da proteína da *E. coli* deixariam ela com um nível tão elevado de resistência aos antibióticos que o remédio trimetoprima, comum contra infecções, poderia deixar de ser administrado como tratamento. (IA)

MEIO AMBIENTE

Anfitrião da COP28 é grande poluidor

Os Emirados Árabes Unidos, país anfitrião da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023 (COP28), dependem significativamente dos hidrocarbonetos, como petróleo e gás natural, para o desenvolvimento do país. Com 9 milhões de habitantes, os Emirados emitiram 237 milhões de toneladas de gás carbônico (CO2), em 2021, uma quantidade considerável em relação a países com populações maiores, como a Espanha.

De acordo com levantamento da France Press, essas emissões refletem um estilo de vida baseado na combustão de petróleo e gás, impulsionado por atividades que consomem muita energia, como arranha-céus e o uso generalizado de ar-condicionado. Em julho, o país apresentou um novo plano climático. Os Emirados Árabes Unidos aderiram ao

compromisso de triplicar a produção de energia renovável até 2030.

O governo acaba de inaugurar o seu primeiro parque eólico e, duas semanas antes da COP28, colocou em funcionamento a central solar Al Dhafra, uma das maiores do mundo. Também anunciou planos para reduzir as emissões em todos os setores, da indústria ao transporte, com especial destaque para os veículos elétricos.

Porém, organizações ambientais, como o Climate Action Tracker, consideram a estratégia “insuficiente”. Há, ainda, a estimativa de que as emissões dos Emirados continuarão aumentando até 2030 e o gás continuará com uma posição importante até 2050, enquanto a sua meta de emissões líquidas zero em 2050 permanece vaga. A indústria do petróleo e do gás continua dominante, mas representa agora apenas cerca de

Imagem de diana.grytsku no Freepik



Dubai, que será sede das discussões, registra preocupação com a poluição do ar atmosférico

30% do PIB, em comparação com 42% do seu vizinho saudita.

Análises

Stela Herschmann, coordenadora-adjunta de Política Internacional do Observatório do Clima,

sublinhou ao *Correio* que a queima de combustíveis fósseis é a atividade que mais contribui para as mudanças ambientais. “Falamos do carvão, que é o pior de todos e o mais poluente. Petróleo e gás também. Além do agravamento da crise climática, tem outros

impactos, como a presença de muito material particulado, que gera uma série de problemas de saúde.”

A Adnoc, dirigida pelo presidente da COP28, Sultan Al Jaber, diz que há planos para investir bilhões para aumentar a produção de hidrocarbonetos. Al Jaber argumenta que seu petróleo é mais barato e tem menor impacto de emissões devido à extração simplificada. O país também apoia a captura e o armazenamento de carbono, mas segundo a Global Witness, as emissões totais da Adnoc, incluindo as geradas pela combustão de combustíveis exportados, devem continuar aumentando até 2030.

Ao *Correio*, Ricardo Fuji, especialista de Conservação do WWF-Brasil, ressaltou que a transição energética é viável em todos os países, uma alternativa para os

combustíveis fósseis. “Já está ocorrendo. A questão é em que medida que esse processo está acontecendo, que nível e que velocidade. Essa velocidade é insuficiente para combatermos as mudanças climáticas e conseguir atingir as metas estabelecidas no acordo de Paris para limitar o aquecimento global.”

Para Vinicius Nora, gerente de Oceanos e Clima do Instituto Internacional Arayara, há duas corridas em curso: uma para ser a última nação a explorar o petróleo e outra pela transição energética. “Não diria que a transição energética é algo inviável ou restrito, é uma grande oportunidade de mercado, de investimento. Existe uma competição pelos recursos para que isso aconteça, por exemplo, um recurso que será escasso são os metais preciosos, utilizados para produzir fontes eólicas, baterias.” (Isabella Almeida)